



QUANDO A LUTA OCORRE POR MEIO DAS PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DO TERMO CORONAVÍRUS ATRAVÉS DO DOMÍNIO DA GUERRA

WHEN THE FIGHT OCCURS THROUGH THE WORDS:
THE CONCEPTUAL CONSTRUCTION OF THE TERM
CORONAVIRUS THROUGH THE DOMAIN OF WAR

Natália Elvira Sperandio¹
Universidade Federal de São João Del-Rei

Resumo: Neste artigo, promovemos a análise do enquadramento conceitual do termo coronavírus, de forma específica, da metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA. Para tal, os arcabouços teórico e metodológico utilizados foram a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), e, sua versão atual, a Teoria Neural da Metáfora (TNM). Assim, a identificação da metáfora eleita foi feita com base na TMC e sua análise ocorreu por meio da notação analítica proposta pela TNM, fazendo com que fosse possível um exame mais aprofundado da metáfora investigada, permitindo a sua classificação como metáfora complexa, a apresentação dos elementos mapeados dos domínios fonte ao alvo e das metáforas primárias evocadas em sua construção. Como resultado, observamos que o termo guerra, tão utilizado na conceitualização do coronavírus como domínio-fonte, possui seu lado positivo, ao nos possibilitar compreender um pouco melhor esse domínio tão novo para nós, e negativo ao fazer com que ajamos como se já conhecêssemos nosso adversário, como se pudéssemos combatê-lo.

Palavras-Chave: Metáfora; Coronavírus; Guerra.

¹ Endereço eletrônico: nataliasperandio@ufsj.edu.br

Abstract: *In this article, we promote the analysis of the conceptual framework of the term coronavirus, specifically, the metaphor CORONAVIRUS IS WAR. For this, the theoretical and methodological frameworks used were the Conceptual Metaphor Theory (TMC), and, in its current version, the Neural Metaphor Theory (TNM). Thus, the identification of the chosen metaphor was made based on the TMC and its analysis occurred through the analytical notation proposed by TNM, making it possible to further examine the investigated metaphor, allowing its classification as a complex metaphor, the presentation of elements mapped from source to target domains, and the primary metaphors evoked in their construction. As a result, we observed that the term war, so used in the conceptualization of the coronavirus as a source domain, has its positive side, by enabling us to understand this domain so new for us a little better, and negative in making us act as if we already knew our opponent, as if we could fight him.*

Keywords: *Metaphor; Coronavírus; War.*

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando, desde de dezembro de 2019, uma pandemia resultante de uma família de vírus comuns em diversos animais, tais, como, camelos, gados, gatos e morcegos; sendo esse denominado de coronavírus. Sua transmissão iniciou-se em Wuhan, na China, desencadeando a doença que hoje conhecemos como COVID-19, doença que modificou os hábitos da população mundial. Logo, estamos diante de uma nova realidade, na qual costumes não corriqueiros foram amplamente adotados, tais como: uso de máscaras, de álcool em gel, distanciamento social, lavagem frequente de mãos e braços com sabão, higienização de todos os objetos que utilizamos com frequência, dentre outros.

Nesse contexto, tão novo e inusitado, enquanto estudiosos da linguagem estamos atentos a forma pela qual o presente vírus vem sendo conceitualizado. Ou seja, nossa atenção volta-se para a maneira como jornalistas, políticos e profissionais têm classificado o coronavírus. Isso acontece por acreditarmos que nossa conceitualização do mundo influencia não apenas o nosso pensamento, mas também nossas ações.

Diante de tal situação, propomo-nos, neste trabalho, analisar a construção conceitual do termo coronavírus. Para tal, teremos como recorte teórico os estudos dedicados ao processo metafórico, com foco nos trabalhos produzidos no contexto da Linguística Cognitiva. Mas por que elegemos a metáfora como

categoria teórica e analítica? A resposta para tal pergunta pode ser encontrada na própria denominação do processo metafórico, a saber, a utilização de um domínio conceitual conhecido na conceitualização de um domínio conceitual pouco conhecido. Assim, acreditamos ser a metáfora uma importante ferramenta na compreensão desse conceito novo, o coronavírus.

Enquanto corpus, optamos por examinar expressões corriqueiras que foram coletadas na *Internet*, de forma específica, no site de pesquisa *Google*. Como em nossa busca houve a predominância da metáfora da guerra, decidimos direcionar nossas análises para a utilização dessa metáfora na compreensão do coronavírus. Por isso, nossa pesquisa focou em expressões linguísticas que subjazem a metáfora conceitual CORONAVÍRUS É GUERRA.

Como resultado de nossas investigações, verificamos que a metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA pode ser vista como exemplo de uma metáfora complexa, já que em sua construção são evocadas diferentes metáforas primárias, nesse caso, as metáforas MUDANÇA É MOVIMENTO, PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS e TEMPO É MOVIMENTO.

1 O CONCEITO DE METÁFORA ADVINDO DA TMC

Iniciamos nossa seção teórica com a noção de metáfora que foi utilizada na construção da pesquisa realizada. Para tal, recorreremos ao trabalho seminal de Lakoff e Johnson (1980) sobre o presente tropo, teoria que ficou conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual (TMC).

Não é novidade, no contexto da Linguística Cognitiva, que o processo metafórico tem chamado a atenção de pesquisadores há um bom tempo. Desde a época de Aristóteles, a metáfora tem sido pesquisada e analisada. Se direcionarmos nosso olhar apenas para as pesquisas sobre metáfora no âmbito da Semântica Cognitiva, já são quarenta anos de estudos a ela dedicados. No entanto, a grande novidade do trabalho de Lakoff e Johnson (1980) seria o fato de

terem colocado a metáfora como onipresente não apenas em nossa linguagem, mas também em nossos pensamentos e ações.

Para os pesquisadores, o processo metafórico consistiria na compreensão e experiencição de uma coisa em termos de outra, sendo o mapeamento entre esses dois domínios sistemático. O que implica dizer que no mapeamento metafórico teremos o domínio-fonte, visto como fonte de inferências, e o domínio-alvo, local em que essas inferências serão aplicadas.

Como forma de compreendermos melhor esse conceito, tomaremos como exemplo a metáfora da guerra que, além de ser a metáfora que tomaremos como base nas nossas análises, é amplamente conhecida em diferentes culturas. Lakoff e Johnson (1980), dentre as várias metáforas apresentadas, apontam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Para os pesquisadores, é com base nessa metáfora conceitual que somos capazes de compreender o domínio-alvo abstrato DISCUSSÃO através do domínio-fonte GUERRA. Por isso, é comum agirmos e nos comportamos, durante nossas discussões, como se estivéssemos em guerra. Questão comprovada pelas seguintes expressões linguísticas: “seus argumentos são *indefensáveis*” e “ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 46).

É interessante destacarmos a forma pela qual essa metáfora, que se faz tão presente em nossa cultura, atua em nossas ações. Assim, ao discutirmos, agimos como se em uma discussão realmente houvesse vencidos e vencedores, essa metáfora também é capaz de estruturar nossas ações ao colocar condutas que devem ser seguidas, por isso, em nossas discussões sabemos o que podemos ou não fazer naquele momento.

Essa questão nos leva a outra característica da sistematicidade presente no mapeamento metafórico, a saber, o fato dela nos permitir a ocultação de alguns aspectos dos domínios atuantes na construção da metáfora. Com isso, a compreensão torna-se parcial, com a ocultação de outros aspectos desse conceito.

Indo ao encontro do antes postulado, Kövecses (2002) afirma que a metáfora conceitual é formada por um conjunto de mapeamentos entre os domínios que a constituem, sendo esse mapeamento parcial. Com isso, apenas uma parte do domínio-fonte é ativada e mapeada ao domínio-alvo, e apenas uma parte do domínio-alvo participará desse processo. O autor destaca que o destacamento pressupõe a ocultação (*hiding*), pois, como o conceito alvo possui vários aspectos, e a metáfora focaliza sobre um, no máximo três; os outros ficarão ocultos, fora de foco.

A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), que acabamos de sintetizar, foi e ainda é utilizada nos trabalhos da Linguística Cognitiva que se dedicam à construção de sentidos, fazendo com que pesquisas buscassem compreender a atuação da metáfora no enquadramento conceitual do mundo que nos cerca. Com base nessa proposta de pesquisa, trabalhos continuam investigando o processo metafórico, dentre eles encontramos a TNM, teoria proposta por Lakoff e Johnson, em 1999, e que se faz presente até os dias atuais. Na próxima seção nos dedicaremos a essa abordagem.

2 A TEORIA NEURAL DA METÁFORA

Ao defenderem a Teoria Neural da Metáfora, Lakoff e Johnson (1999) vão de encontro com a tradição filosófica ocidental, já que essa tinha em sua base a afirmação binária entre raciocínio e percepção/movimento corporal. Para os pesquisadores, a percepção dava conta da razão, sendo o movimento visto como sua consequência, com isso nenhum aspecto da percepção ou do movimento poderiam ser considerados como parte da razão (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Nesse contexto, tínhamos uma divisão estabelecida entre percepção e concepção: a percepção é concebida como corporificada, já a concepção, nessa tradição, é puramente mental, totalmente separada e independente das habilidades sensoriais e motoras.

Em um segmento oposto, Lakoff e Johnson (1999) afirmam sobre a não possibilidade de a razão ser autônoma, não sendo possível sua realização de forma separada e independente da percepção e movimento. Com isso, temos a oportunidade de concebermos a compreensão de nossa realidade por meio de nosso corpo e da sua interação no meio em que vivemos.

Logo, nossos conceitos passam a ser vistos como corporificados, resultantes de uma estrutura neural que faz uso do sistema sensório-motor de nosso cérebro. Assim, nossas inferências conceituais na verdade são inferências sensório-motoras. É com base nessas proposições que Lakoff e Johnson (1999) propõem o que é concebido como “filosofia corporificada”, que possui como foco central o postulado da razão abstrata não poder ser concebida como separada do sistema sensório-motor, mas sendo concebida por meio das ações no mundo. Por isso, a organização e a função do nosso cérebro baseiam-se na integração de nosso corpo e mente, sendo a mente corporificada e estruturada através das experiências corporais, o pensamento é inconsciente e os conceitos abstratos são em grande parte metafóricos.

Nessa nova proposta, os conceitos resultam da forma pela qual nosso cérebro e corpo são estruturados e como funcionam na relação interpessoal e o mundo físico. Nas palavras dos autores:

A hipótese da mente corporificada enfraquece radicalmente, portanto, a distinção entre percepção e concepção. Em uma mente corporificada, é concebível que o mesmo sistema neural engajado na percepção (ou em movimento corporal) desempenhe um papel central na concepção. Ou seja, os mesmos mecanismos responsáveis pela percepção, movimento e manipulação do objeto poderiam ser responsáveis pela conceitualização e pelo raciocínio (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 37-38. Tradução da autora)².

²The embodied-mind hypothesis therefore radically undercuts the perception/conception distinction. In an embodied mind, it is conceivable that the same neural system engaged in perception (or in bodily movement) plays a central role in conception. That is, the very mechanisms responsible for perception, movements, and object manipulation could be responsible for conceptualization and reasoning.

Com essas propostas, desenvolvidas na área neural, tivemos mudanças na maneira pela qual compreendemos nossa mente e cérebro e, com isso, também houve mudanças na teoria da metáfora. Com base em Lakoff (2008), podemos afirmar que os esboços fundamentais da TMC permanecem, porém com a proposta da ciência cerebral e computação neural temos a possibilidade de enriquecer a sua concepção.

No entanto, para compreendermos melhor essas mudanças, torna-se necessário direcionarmos nosso olhar para a Teoria Neural da Linguagem que foi proposta e desenvolvida, na área da Linguística, por Lakoff (2008), e na área da computação por Feldman (2006). Através dessa proposta, passamos a conceber o circuito neural como moldado pela experiência, definindo a ligação corpo e mente como central na construção conceitual. Para tal, os autores criaram a semântica concebida por eles como semântica da simulação. Nessa proposta, na construção de conceitos físicos, os significados são vistos como simulações mentais, isto é, para que os neurônios sejam ativados, tornam-se necessários a imaginação, a percepção ou o desempenho de uma ação. Isso implica o fato de que, ao imaginarmos, lembrarmos ou sonharmos determinadas performances de movimentos, ativamos grande parte dos neurônios que ativaríamos se realmente esses movimentos fossem executados. Logo, se não somos capazes de imaginarmos alguém pegando um copo, não somos capazes de compreendermos a expressão “João pegou um copo” (FELDMAN, apud LAKOFF, 2008).

Será com base nessa proposta que a Teoria da Metáfora Conceitual assume sua forma mais atual, a denominada Teoria Neural da Metáfora. Nessa nova proposta, temos uma visão que se opõe as anteriores, as quais postulavam os mapeamentos como bidominiais, nas quais tínhamos a ativação do domínio-fonte no cérebro anterior a ativação do domínio-alvo. Com uma proposta diferente, a Teoria Neural da Metáfora (TNM) concebe a ativação simultânea desses domínios, com a afirmação de que o circuito do domínio-fonte será ativado pelo significado literal e do domínio-alvo pelo contexto, sendo o mapeamento ativado

por ambos. Assim, passamos a ter um circuito integrado, demonstrando que as compreensões metafóricas não se diferenciam das expressões baseadas em *frames* normais (LAKOFF, 2008).

Como forma de entendermos um pouco melhor a proposta da TNM, apresentamos a seguir a análise da metáfora AMOR É UMA VIAGEM feita por meio dos postulados dessa nova abordagem.

Quadro 1 - Análise da TNM da metáfora AMOR É UMA VIAGEM

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM	
Domínio fonte: Viagem	
Domínio alvo: Amor	
Mapeamento	
Viajantes →	Amantes
Veículo →	Relacionamento
Destinações →	Objetivos de vida
Impedimentos para o movimento →	Dificuldades
Mapeamento Evoca:	
A Metáfora PROPOSTAS SÃO DESTINAÇÕES, com:	
Destinos = Ego. Fonte. Destinações	
Propostas = Ego. Alvo. Objetivos de vida	
A Metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO, com:	
Impedimentos para o movimento = Ego. Fonte. Impedimento para movimento.	
Dificuldades = Ego. ALVO. Dificuldades.	
A Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:	
Proximidade = Ego. Fonte. Proximidade dos Viajantes dentro do Veículo.	
Intimidade = Ego. Alvo. Intimidade dos Amantes.	
A Metáfora UMA RELAÇÃO É UM CONTÊINER, com:	
Contêiner = Ego. Fonte. Veículo	
Relacionamento = Ego. Alvo. Relacionamento.	

Fonte: Sperandio (2010).

A explicação dessa análise pode ser feita com as palavras de Lakoff:

A declaração de que isso é uma metáfora corresponde ao circuito mapeador apropriado. O nome da metáfora corresponde ao “nó” gestáltico apropriado. As setas (→) correspondem aos circuitos de ligação. Os sinais de igualdade (“=”) especificam as vinculações neurais. A declaração “evoca” coloca os circuitos de ligação ativando as metáforas “componentes”, com vinculações neurais entre O AMOR É UMA VIAGEM (denominado *self* no formalismo) e as várias metáforas componentes (LAKOFF, 2008, p. 37).

Acreditamos que, para vislumbrarmos de forma mais aprofundada a explicação supracitada, devemos ter em mente o que seriam as denominadas metáforas primárias, já que essas estão na base da construção das metáforas complexas. Diante disso, a próxima seção será direcionada à explanação dessas metáforas.

3 METÁFORAS PRIMÁRIAS X METÁFORAS COMPLEXAS

Para pensarmos sobre a proposta da TNM, como antes exposta, devemos destacar que sua origem, no ano de 1997, foi impulsionada pelas teses de Christopher Johnson, Sriniv Narayanan e Joe Grady.

É com base nos trabalhos desses autores, em conjunto com a Teoria Conceitual da Integração, de Fauconnier e Turner, que Lakoff e Johnson (1999) postularam o que denominam de Teoria Geral da Metáfora Primária. Para Grady (1997), essas metáforas são concebidas como átomos que se agrupam na formação de moléculas, sendo essas moléculas conceitualizadas como metáforas complexas.

Assim sendo, as metáforas primárias resultariam de nossa experiência, de forma frequente de nossas experiências corporais comuns. Logo, são consideradas como universais, fazendo-se presentes em diferentes culturas, porém, não podem ser vistas como inatas, mas sim como apreendidas. Tais metáforas são partes integrantes de nossa inconsciência cognitiva e adquiridas automaticamente através do processo normal de aprendizagem neural. Nossa aquisição dessas metáforas ocorre pelo simples fato de sermos entidades humanas, isto é, por nos movermos e percebermos o mundo ao nosso redor da forma que fazemos.

Nas metáforas desse tipo, temos um domínio de experiência subjetiva ou julgamento que é coativado regularmente com o domínio sensório-motor, sendo que essas conexões promovem a estrutura inferencial e a experiência qualitativa, que serão ativadas sobre os sistemas sensório-motores para os domínios

subjetivos associados a eles. No contexto da perspectiva neural, as metáforas primárias são conexões neurais apreendidas mediante a coativação. A grande complexidade inferencial dos domínios sensório e motor oferece a essas metáforas um caráter assimétrico, com inferências que seguem em apenas uma direção (SPERANDIO, 2010).

Um fato que merece ser destacado é que, no contexto das Metáforas Primárias, Grady (1997) nega a afirmação dos domínios fonte e alvo serem concebidos como concreto e abstrato, questão também colocada por Lakoff e Johnson, no ano de 2003, na reedição de *Metaphor we live by*. Para Grady (1997), a distinção entre os domínios deve ser feita por meio de graus de subjetividade. “A distinção chave entre fonte e alvo, na teoria de Grady, é que o conceito primário fonte relaciona-se à experiência sensório-perceptual, enquanto que conceito primário alvo relaciona-se às respostas subjetivas, à experiência sensório-perceptual” (EVANS; GREEN, 2006, p.305. Tradução da autora)³.

Como nossa análise será pautada na TNM e, nessa proposta, temos o desmembramento da metáfora complexa através de suas metáforas primárias, julgamos necessário apontarmos as principais metáforas primárias existentes em nossa cultura. Para tal, traremos abaixo o acervo de metáforas primárias proposto por Lakoff e Johnson (1999, p.50), destacando que esse levantamento teve como base os postulados de Narayanan (1997):

AFEIÇÃO É CALOR
IMPORTANTE É GRANDE
FELICIDADE É PARA CIMA
INTIMIDADE É PROXIMIDADE
COISA RUIM CHEIRA MAL
DIFICULDADES SÃO CARGAS
MAIS É PARA CIMA
CATEGORIAS SÃO CONTÊINERES

³ The key distinction between target and source in Grady’s theory is that primary source concepts relate to sensory-perceptual experience, while primary target concepts relate to subjective responses to sensory-perceptual experience.

SIMILARIDADE É PROXIMIDADE
ESCALAS LINEARES SÃO CAMINHOS
ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA
AJUDAR É APOIAR
TEMPO É MOVIMENTO
ESTADOS SÃO LOCAIS
MUDANÇA É MOVIMENTO
AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPULSIONADOS
PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES
PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS
CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS
RELACIONAMENTOS SÃO CLAUSURAS
CONTROLE É PARA CIMA
CONHECER É VER
COMPREENDER É SEGURAR
VER É TOCAR

Por outro lado, de acordo com Grady (1997), as metáforas complexas resultam das metáforas primárias:

cada metáfora primária possui uma estrutura mínima e surge natural, automática e inconscientemente através da experiência diária pela fusão, durante a qual são formadas associações entre os domínios. As metáforas complexas são formadas por *blending* conceituais. As experiências universais iniciais levam a fusões universais que, assim, desenvolvem-se para metáforas conceituais convencionais (ou difundidas) (GRADY, 1997, apud LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 46).

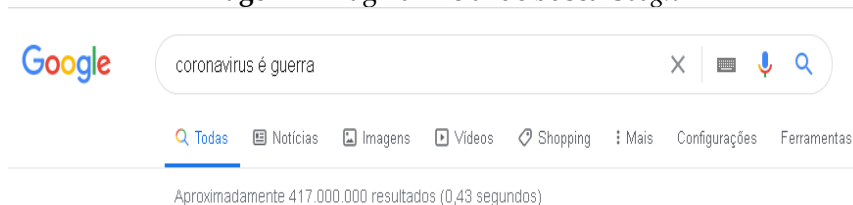
Assim, as metáforas complexas são frutos de metáforas primárias em conjunto com formas de conhecimentos de um lugar comum, como modelos culturais, teorias populares ou algum tipo de conhecimento e crença amplamente divulgado e aceito em uma cultura particular.

Lakoff e Johnson (1999) nos apontam como exemplo a metáfora UMA PROPOSTA DE VIDA É UMA VIAGEM. Para os autores, há em nossa cultura um modelo popular por meio do qual acreditamos que as pessoas devam possuir algum tipo de propósito em suas vidas. Logo, se não temos propósitos em nossas vidas estamos perdidos, sem direção. Dessa forma, essa metáfora complexa resulta das metáforas primárias mais a crença cultural.

4 PASSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão possui abordagem descritiva-qualitativa. Assim, tendo como base o conceito de metáfora, apresentado no campo teórico da TMC, buscamos a identificação de expressões linguísticas que sustentassem a metáfora conceitual CORONAVÍRUS É GUERRA. Mas por que eleger essa metáfora? Nossa escolha teve como motivação o fato de essa metáfora ter se tornado comum nos discursos ordinários sobre o coronavírus. Sua alta utilização tem sido feita por diferentes profissionais (jornalistas e da área da saúde) como também por políticos. Portanto, no contexto atual, recorreremos ao domínio-fonte GUERRA na compreensão do domínio-alvo (até então desconhecido) CORONAVÍRUS. Tal afirmação pode ser comprovada através de uma simples busca feita no site do *Google*. Ao digitarmos no campo de busca a palavra coronavírus, em questões de segundos, especificamente em quarenta e três segundos, encontramos como resultado quatrocentos e dezessete milhões de resultados.

Imagem 1 - Pagina inicial de busca *Google*



Fonte: site do *Google*. Acesso em: 03 jul. de 2020.

Com essa informação em mãos, passamos a buscar sites que tivessem como base, na construção conceitual de suas reportagens, a referida metáfora. O levantamento desse tropo deu-se por meio da metodologia conhecida como leitura (SARDINHA, 2007). Logo, promovemos a leitura minuciosa dos sites eleitos para a análise visando a identificação de expressões metafóricas licenciadas pela metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA.

Além disso, buscamos apoio na TNM para que tivéssemos uma descrição mais detalhada dessa conceitualização. Para isso, recorreremos à notação proposta por Lakoff (2008), destacando os seguintes pontos:

- O nome da metáfora abrange à *Gestalt* correspondente;
- As conexões são indicadas pelas setas;
- Os sinais de igualdade apontam as ligações dos elementos das metáforas conceituais com os elementos das metáforas primárias que as constituem;
- Os enunciados “evoca” indicam as metáforas primárias que compõem as metáforas conceituais analisadas.

5 COLOCANDO A TEORIA EM PRÁTICA

Como colocado em nossa seção introdutória e metodológica, o conceito de metáfora adotado na pesquisa realizada é o apontado por Lakoff e Johnson (1980), na TMC. Com base nesse conceito, após nossa leitura de diferentes artigos jornalísticos encontrados no site de busca *Google*, identificamos e ativamos a metáfora conceitual CORONAVÍRUS É GUERRA: domínio-fonte GUERRA, sendo utilizado na compreensão e na inferência do domínio-alvo CORONAVÍRUS.

A seguir, apresentamos as expressões linguísticas utilizadas para tal análise. Em itálico estão as palavras responsáveis pela ativação da metáfora colocada em verificação.

“A *guerra* deve terminar só ano que vem⁴”;

“O *coronavírus* já *matou* mais brasileiros que a Guerra do Paraguai⁵”;

⁴Disponível

em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/24/interna_gerais,1159612/zema-coronavirus-em-minas-a-guerra-deve-terminar-so-no-ano-que-vem.shtml. Acesso em: 05 jul. 2020.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/08/covid-19-ja-matou-mais-brasileiros-que-guerra-do-paraguai-e-gripe-espanhola.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2020.

“O Brasil precisa assumir os riscos da *guerra contra* o coronavírus”⁶;
“Coronavírus: *uma guerra* que só é vencida com o esforço de todos”⁷;
“Mortes por *coronavírus* podem superar números da guerra em cidade do Lêmen”⁸;
“Trump pode usar o *coronavírus para guerra* contra o Irã”⁹;
“O Brasil está *perdendo a guerra* contra o coronavírus”¹⁰;
“Na *guerra contra covid-19*, briga política selou a derrota”¹¹;
“O *vírus está vencendo a guerra*”¹².
“Senado aprova em primeiro turno o ‘*orçamento da guerra*’ contra coronavírus”¹³;
“Hospital Oceânico comemora a *vitória da vida contra o coronavírus*”¹⁴;
“Estamos em *guerra contra o coronavírus*”¹⁵;

Diante dessas expressões, e com base na TNM, nos indagamos: De que forma a metáfora conceitual CORONAVÍRUS É GUERRA constitui-se? Isso é, como essa metáfora é ativada? Como os seus mapeamentos ocorrem? Será que ela pode ser vista como uma metáfora complexa? Se sim, quais as metáforas

⁶ Disponível em: <https://cacb.org.br/artigos/o-brasil-precisa-assumir-os-riscos-da-guerra-do-coronavirus/> Acesso em: 05 jul. 2020.

⁷ Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/coronavirus-uma-guerra-que-so-e-vencida-com-o-esforco-de-todos/> Acesso em: 05 jul. 2020.

⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/mortes-por-coronavirus-podem-superar-numeros-da-guerra-em-cidade-do-iemen/> Acesso em: 05 jul. 2020.

⁹ Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/01/trump-ira-guerra-coronavirus/> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/05/27/o-brasil-esta-perdendo-a-guerra-contra-o-novo-coronavirus/> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/coronavirus-guerra-paraguai-brigas-politicas-internas-120819007.html> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/19/o-virus-esta-vencendo-diz-lider-de-combate-ao-coronavirus-em-sao-paulo.htm> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/15/senado-aprova-em-primeiro-turno-o-orcamento-de-guerra-contra-coronavirus> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.tribunarj.com.br/hospital-oceanico-comemora-a-vitoria-da-vida-contra-o-coronavirus/> Acesso em: 05 jul. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,biden-diz-que-americanos-nao-aceitaram-desrespeito-ao-resultado-das-eleicoes,70003528220> Acesso em: 05 jul. 2020.

primárias evocadas em sua construção? Como forma de buscarmos respostas para os presentes questionamentos, direcionamos nosso olhar, a partir deste momento, para a análise da metáfora eleita como corpus tendo como embasamento a proposta analítica de Lakoff (2008) na TNM.

Metáfora: CORONAVÍRUS É GUERRA

Domínio fonte: guerra

Domínio alvo: coronavírus

Mapeamentos

Soldado → Coronavírus

Riscos da guerra → riscos do coronavírus

Vencedores → populações

Vencedor → coronavírus

Mortes causadas pela guerra → mortes causadas pelo coronavírus

Arma → coronavírus

Perdedores → brasileiros

Adversário → coronavírus

Orçamento de guerra → orçamento contra o coronavírus

Vitória na guerra → vitória contra o coronavírus

Tempo da guerra → tempo de permanência do coronavírus

Mapeamento Evoca

A Metáfora TEMPO É MOVIMENTO, com:

Movimento = Ego. Fonte. vencer ou ser vencido

Tempo = Ego. Alvo. Tempo de permanência do coronavírus

A Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

Movimento = Ego. Fonte. Vencer ou ser vencido

Mudança = Ego. Alvo. Vencer o coronavírus

A Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:

Objetos desejados = Ego. Fonte. Vitória

Propósitos = Ego. Alvo. Propósito. Vitória contra o coronavírus

Com base nessa análise, afirmamos estarmos diante de uma metáfora complexa, pois essa constitui-se com base nas três metáforas primárias antes apresentadas, a saber, TEMPO É MOVIMENTO, MUDANÇA É MOVIMENTO e PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS. Por tratarem-se de metáforas primárias, temos o domínio-fonte estruturado por nossas experiências sensório-motoras (movimento e objetos desejados) e o domínio-alvo construído por meio de nossas experiências subjetivas (tempo, mudança e propósitos). Essas metáforas primárias, em conjunto com o nosso conhecimento cultural sobre guerra, atuam na construção da metáfora complexa CORONAVÍRUS É GUERRA. Por isso, somos capazes de produzir as expressões linguísticas antes elencadas, o que nos faz conceber o vírus como um inimigo a ser combatido, ver as mortes causadas pelo vírus como mortes dessa batalha que está sendo travada, conceber o tempo de duração dessa guerra como o tempo de duração desse vírus, e os riscos da guerra como os riscos causados pelo vírus, e assim por diante.

PALAVRAS FINAIS

Desde o início de nosso trabalho, buscamos compreender a forma pela qual o domínio conceitual CORONAVÍRUS vem sendo abordado e explorado em diferentes contextos, por distintos especialistas. Após uma busca no site *Google*, verificamos que a metáfora de maior utilização foi CORONAVÍRUS É GUERRA. Diante dessa constatação, passamos a direcionar nossas análises para essa metáfora, tendo como base as propostas teóricas de Lakoff e Johnson (1980, 1999) e Lakoff (2008).

A partir da análise, apresentada na seção anterior, verificamos que a metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA é uma metáfora complexa, já que em sua base de criação temos evocadas três metáforas primárias: MUDANÇA É MOVIMENTO, PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS e TEMPO É

MOVIMENTO. Sendo essas metáforas primárias por nos recolhidas no acervo proposto por Lakoff e Johnson (1999).

Outra questão, por nos apresentada em nossa análise, diz respeito aos mapeamentos ativados nessa metáfora. Assim, em nossa análise destacamos as conexões entre os elementos dos domínios fonte e alvo, sendo esses apontados pelas setas apresentadas. Ressaltamos que toda a análise feita teve como ponto de partida as expressões linguísticas recolhidas em diferentes reportagens no site *Google*, já que essas são exemplos que subjazem a metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA.

Toda a análise feita nos demonstrou o fato de ser comum recorrermos a domínios conceituais fontes conhecidos para compreendermos domínios conceituais alvos até então desconhecidos. Por isso, tornou-se tão corriqueiro utilizarmos o domínio da GUERRA, amplamente divulgado, experienciado (de forma direta ou indireta) para tentarmos compreender esta situação tão nova que nos foi imposta pela pandemia causada pelo coronavírus.

Diante disso tudo, nos indagamos: qual a consequência dessa conceitualização? Isso é, de que forma a compreensão feita do coronavírus através da guerra pode nos afetar? A nosso ver, há duas respostas para esses questionamentos, sendo uma positiva e outra negativa. A resposta positiva diz respeito ao fato de, ao estarmos lidando com uma situação nova, desconhecida, um domínio já conhecido nos permite tentar entender melhor essa situação. Assim, ao compreendermos o coronavírus por meio da guerra, passamos a ter a possibilidade de entender um pouco mais o que seria esse vírus, como devemos nos comportar diante dele, e assim por diante.

Por outro lado, acreditamos que há um valor negativo nessa conceitualização, já que muitas de nossas ações serão dela decorrentes. Por exemplo, por estarmos em uma guerra, conhecendo nosso adversário, nos sentimos no direito de combatê-lo, isso poderia explicar o fato de muitas pessoas ainda estarem resistentes ao uso de máscara ou ao isolamento social. Outro

exemplo seria a busca frenética por alimentos no início da pandemia, com muitas pessoas correndo para os supermercados com o intuito de estocar água, comida e material de limpeza. Esses são apenas alguns exemplos da forma pela qual o uso do domínio GUERRA pode gerar ações desproporcionais nessa pandemia. Além disso, é interessante destacarmos que esses exemplos corroboram com a proposta, cada vez mais frequente, da corporificação dos nossos conceitos. Questão que também pode ser observada com a utilização das metáforas primárias supracitadas na construção da metáfora complexa CORONAVÍRUS É GUERRA, pois essas metáforas primárias são apreendidas de forma direta na relação dos nossos corpos com experiências sensório-motoras e o meio ambiente/cultural em que estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística) - University of California, Berkeley, 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008. p. 17-38.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SPERANDIO, N. E. O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico. 99 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras), Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de agosto de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 05 de janeiro de 2021.